

“Onda jovem” é desafio para políticas públicas

■ País chega ao século XXI com maior população juvenil da história

JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO – Uma pesquisa divulgada ontem pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), da Secretaria de Economia e Planejamento, prevê que o Brasil e, particularmente, o estado de São Paulo entrarão no novo século com a maior população juvenil da história. Consequência de um período de alta fecundidade registrado no início dos anos 80, essa “onda jovem” representará na área de políticas públicas um desafio inesperado para o governo, que precisa se preparar para enfrentá-lo.

“Essa será a maior geração de jovens que o país já teve e que, provavelmente terá”, observa a coordenadora técnica do levantamento, Felícia Reicher Madeira. Em sua avaliação, o impacto da onda jovem – um contingente de 15,7 milhões de brasileiros ou 10,4% da população que terão entre 20 e 24 anos de idade no ano 2000 – terá reflexos especial-

mente no mercado de trabalho. “Essa pressão demográfica é um agravante para a já difícil situação que enfrentam os jovens neste final de século”, diz Felícia.

Foi a constatação desse “fenômeno” de crescimento da população jovem que levou o Seade a fazer a pesquisa, que acaba de ser publicada no livro **20 anos no ano 2000**, uma coletânea de artigos assinados pelos responsáveis pela análise dos resultados do levantamento. Violência, sexualidade, Aids, migração, escola, moradia e a batalha pelo emprego são os temas dos principais capítulos da publicação.

“Quanto ao mercado de trabalho, a situação dos jovens é duplamente preocupante, já que eles foram os mais atingidos pela redução dos postos de trabalho, num momento em que se enfrenta uma condição demográfica desfavorável, a sinuosa onda jovem”, adverte Felícia Madeira. Fruto da alta de fertilidade registrada entre 1980 e 1983, a sinuosidade da onda

jovem se projetará, segundo a pesquisadora, até 2005, quando a massa de jovens começará a “envelhecer”.

Ao estudar o comportamento da juventude no período de 1988 a 1996, os pesquisadores do Seade constataram um “cenário promissor” com relação à incidência da Aids entre os jovens. “Após um crescimento contínuo até 1993, o número de mortes por Aids/HIV na faixa etária de 15 a 24 anos passa a diminuir gradativamente até 1996”, constatou o levantamento. A redução, de 35%, confirma uma tendência do conjunto da população paulista que, também em 1993, registrou pela primeira vez uma queda no número de mortes por Aids.

No campo da sexualidade, a novidade é o aumento do número de meninas paulistas que iniciam mais cedo a sua vida sexual. O percentual de mulheres que tiveram a primeira relação sexual antes dos 15 anos de idade subiu de 8,7% em 1986 para 22,7% em 1996.